

**FACULDADE DE TRÊS PONTAS – FATEPS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**  
**RAFAELA ABREU JUSTINO**

**ORGANIZAÇÃO DOS SISTEMAS DE ENSINO:** série ou ciclos, série e ciclos?

**RAFAELA ABREU JUSTINO**

**ORGANIZAÇÃO DOS SISTEMAS DE ENSINO:** série ou ciclos, série e ciclos?

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Três Pontas – FATEPS como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura sob a orientação da Prof (a) Dra. Gloria Lucia Magalhães.

**Três Pontas  
2020**

**RAFAELA ABREU JUSTINO**

**ORGANIZAÇÃO DOS SISTEMAS DE ENSINO:** série ou ciclos, série e ciclos?

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Três Pontas – FATEPS como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura sob a orientação da Prof (a) Dra. Gloria Lucia Magalhães.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Profa Dra. Gloria Lucia Magalhães

---

Profa. Titulação e Nome Completo

---

Profa. Titulação e Nome Completo

**OBS:**

## **ORGANIZAÇÃO DOS SISTEMAS DE ENSINO: série ou ciclos, série e ciclos?**

Rafaela Abreu Justino\*  
Gloria Lucia Magalhães\*\*

### **RESUMO**

Este trabalho aborda a organização dos sistemas de ensino: série ou ciclos, série e ciclos. Tal abordagem se faz necessária com base no atual cenário escolar onde o sistema de ensino em ciclos que propõe uma lógica divergente do ensino em série, ainda aponta falhas e incoerências. O objetivo deste estudo é descrever e analisar as chances dos ciclos em imprimir lógicas diferentes nas séries, no trabalho e frisar a partir do atual cenário escolar, divergências entre o que foi proposto e a realidade, podendo identificar também aspectos que contribuam para uma nova perspectiva e reflexão diante do contexto atual. Este intento será conseguido mediante revisão bibliográfica realizada por meio da leitura de obras e artigos científicos. O estudo esclareceu que os ciclos como forma de organização escolar e desenvolvimento de currículo diante de uma concepção democrática e inclusiva ainda estão a caminho de serem construídos. Contudo os ciclos, desenvolvidos como progressão continuada, que venha a ser incorporado no ambiente escolar necessita da construção de um significado real para a formação e desenvolvimento da criança. Há também a concepção entre educadores de que embora os ciclos e a progressão continuada sejam essenciais na democratização do conhecimento e para superar o fracasso escolar, não se encontra condições materiais, institucionais e pedagógicas para o seu funcionamento e com isso creem que a promoção automática comprometeu ainda mais a qualidade do ensino.

**Palavras-chave:** Sistema de ensino. Série. Ciclo

### **1 INTRODUÇÃO**

---

\*Rafaela Abreu Justino. Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Três Pontas FATEPS, rafaella3pontas@gmail.com

\*\*Gloria Lucia Magalhães Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Três Pontas FATEPS, gloria.reis@professora.unis.edu.br

Neste estudo, problematiza-se a organização dos sistemas de ensino a partir de séries e ciclos. Os ciclos podem ser descritos como um sistema adotado a fim de redefinir a escola seriada estabelecendo aspectos na tentativa de superar o fracasso escolar, principalmente pelas altas taxas de reprovação. Apesar das diferenças entre séries e ciclos, o atual cenário escolar exhibe uma polarização entre os dois sistemas.

Esse estudo justifica-se pela relevância do tema com base no atual cenário escolar onde o sistema de ensino em ciclos que propõe uma lógica divergente de ensino em série aponta falhas e incoerências.

Através da problemática levantada pretende-se discernir as lógicas da série e do ciclo. Contudo, avaliar o aproveitamento de alunos realizados através de pesquisas e estudos. O trabalho poderá identificar aspectos que contribuam para nova perspectiva em relação ao alunado e reflexão diante do atual contexto escolar brasileiro.

Nessa perspectiva, o presente artigo tem como intuito pesquisar, por meio de revisão bibliográfica, descrever e analisar as possibilidades dos ciclos em imprimir lógicas diferentes nas series no trabalho escolar e salientar a partir do atual cenário, divergências entre o que foi proposto e a realidade.

Os objetivos poderão ser alcançados ao identificar na Legislação Brasileira os conceitos abordados sobre séries e ciclos; compreender ciclos e séries num confronto de lógicas. E ainda, ressaltar os estudos realizados por Arroyo (2004); comparar progressão continuada versus aprovação automática; analisar ciclos e a progressão escolar no Brasil.

Quanto à metodologia, optou-se pelo método hipotético-dedutivo. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica que será realizada por meio da leitura de obras e artigos científicos.

Este estudo iniciou com a revisão da Legislação Vigente a fim de compreender definições de séries e ciclos no ensino fundamental conforme validos na Lei de Diretrizes e Bases na Educação Nacional LDB nº. 9394/96 na qual tem como objetivo a formação básica de qualquer cidadão a partir dos seis anos de idade.

Após, reflexão de ciclos e séries: confronto de lógicas Freitas (2003) aborda os diferentes ritmos de cada aluno no seu processo de aprendizagem e o papel que os ciclos desempenham ao considerar o desenvolvimento da criança como um todo.

Fundamentado em estudos do professor Arroyo (2003) e a análise de parte de sua obra *Imagens Quebradas* que trata da lógica do tempo escolar. O autor ressalta a importância de recuperar e respeitar a relevância do tempo adequado que cada aluno leva para aprender, destacado a pedagogia moderna e suas preocupações educacionais.

Outro momento, diz respeito à progressão continuada versus aprovação automática tendo como objetivo o esclarecimento de ambos e a importância de ações pedagógicas para o progresso e desenvolvimento do aluno no ambiente escolar.

Ao analisar estudos sobre o tema, Barreto e Sousa (2004) realizam uma revisão de publicações acadêmicas em cidades que adotaram o ensino em ciclos em contextos inovadores. Deixando claro também que essa organização escolar é um processo que está no caminho a ser construído.

A autora Jacomini (2004) discute a atuação dos educadores no processo de implementação do ciclo e da progressão continuada nas redes públicas, destacando também as condições existentes que tornam esse processo difícil para ser posto em prática.

Ao pesquisar na cidade de Belo Horizonte, Negreiros (2005) evidencia a relação das escolas privadas ao adotarem o sistema de seriação apesar do terem incorporadas práticas que correspondem a organização de ciclos.

## **2 SÉRIES E CICLOS NA LDB: confronto de lógicas**

O referencial teórico do presente artigo foi estruturado em três tópicos, são eles: revisão da legislação vigente; Ciclos e seriação: confronto de lógicas; e uma breve abordagem dos estudos realizados pelo professor Miguel Arroyo.

Se tratando da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB nº.9394/96, no art. 23 compreende-se que:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (BRASIL, 1996, p.48).

Ainda ressalta que o ensino fundamental é obrigatório, com duração de 9 (nove) anos e direito de qualquer cidadão. Tendo como objetivo sua formação básica desde os 6 (seis) anos de idade.

Em seu artigo 32 que trata do ensino fundamental, parágrafos primeiro e segundo:

É facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos. Os estabelecimentos que utilizarem progressão regular por série capaz de adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino (BRASIL, 1996, p.17).

Conforme válido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no Brasil é de extrema importância o regime de progressão continuada, uma vez que outro regime regido apenas por avaliação poderia causar forte evasão e exclusão social aos estudantes.

Para dar continuidade ao assunto utilizamos parte da obra de Freitas (2003). O autor inicia a discussão expondo como se organizam os tempos e os espaços da escola. Para Freitas (2003), “O espaço mais famoso da escola é a sala de aula e o tempo mais conhecido é o da seriação das atividades e dos anos escolares”. Ou seja, sua construção histórica determina a sala de aula como espaço mais importante da produção pedagógica e que ainda se faz no tempo da seriação dos anos escolares. Cabendo aos pesquisadores da atualidade a elaboração de novos estudos e reflexões sobre sua eficácia.

Importante dizer que:

[...] se submetemos os diferentes ritmos dos alunos a um único tempo de aprendizagem, produziremos a diferenciação dos desempenhos dos alunos. Cada um caminhará a seu ritmo dentro de um mesmo tempo único – logo, uns dominam tudo e outros, menos. (FREITAS, 2003, p.19)

O alunado não detém de características uniformes, sendo assim, cada um possui seu próprio ritmo de aprendizagem e devemos respeitar o tempo de cada criança, levando em conta seu desenvolvimento ao longo do ano e não apenas a uma avaliação formal. O sistema de séries apresenta-se de impassível aos diversos tempos necessários para aprender.

Contrapondo a isso:

Os ciclos procuram contrariar a lógica da escola seriada e sua avaliação. Só por isso, já devem ser apoiados. Não eliminam a avaliação formal, muito menos a informal, mas redefinem seu papel e a associam com ações complementares – reforço ou recuperação paralela, por exemplo. (FREITAS, 2003, p. 51)

Portanto, os ciclos adotam os diferentes tempos e espaços da escola, onde irá considerar o desenvolvimento da criança como um todo e suas vivências.

Além disso:

Os ciclos devem planejar suas vivências sociais com forte vínculo com a realidade social – com forte ligação com esta atualidade – e não apenas como vivências associadas aos interesses de uma certa faixa de desenvolvimento da criança (FREITAS, 2003, p. 57).

Diante do exposto, para o autor, cabe a valorização da realidade em que o aluno está inserido para contextualizar sua formação. Sendo de fundamental importância alterar o poder inserido nos tempos e espaços da escola para que possa contribuir com auto-organização dos discentes. Isso significa tornar o estudante ativo na construção de sua formação, nos quais tenham identidade, voz e voto. Fazendo da escola um tempo de vida.

## **2.1 Miguel Arroyo e a pluralidade na educação**

O Programa Escola Plural segundo Miranda (2007) propôs a ampliação do tempo escolar do aluno no Ensino Fundamental de oito para nove anos, buscando a continuidade do processo de escolarização, eliminando dessa maneira a seriação.

Nessa nova lógica, a aprendizagem passou a ser o centro do processo educativo, cujo objetivo é a formação e a vivência sociocultural próprias de cada idade. A escola passou a organizar-se em três ciclos: 1º Ciclo (Infância) compreendendo alunos de seis a nove anos de idade; 2º Ciclo (Pré-Adolescência) compreendendo alunos de nove a doze anos de idade; 3º Ciclo (Adolescência) compreendendo alunos de doze a quatorze anos de idade (MIRANDA, 2007, p.)

O professor Arroyo (2004) trata em sua obra “Imagens Quebradas” a lógica do tempo no cotidiano escolar e como sua trajetória temporal pode afetar na vivência dos estudantes. Para Arroyo (2004) “O tempo de escola é tão conflitivo porque foi instituído faz séculos e terminou se cristalizando em calendários, níveis, séries, semestres, rituais de transmissão, avaliação, reprovação e repetência.”.

Diante disso, quando chegamos à escola somos adaptados à lógica institucionalizada que acaba se impondo sobre alunos e também sobre os professores.

E ainda comenta Arroyo (2004) “Entender essa lógica é fundamental para entender muitos dos problemas crônicos da educação escolar”.

Para Arroyo (2004), o professor obedece a uma lógica “transmissiva” que acaba afetando também os estudantes organizando o espaço e tempo de ambos em torno de “conteúdos” a serem transmitidos e aprendidos em semanas e bimestres. Isso à outra lógica que seria de ritmos de

aprendizagem, não considerando dessa forma, a realidade do aluno que deverá dominar no tempo renunciado 60% do conteúdo para sua aprovação.

Neste caso Arroyo (2003) nos lembra da configuração determinada há séculos no sistema escolar “A motivação mais determinante e permanente parece ter sido e continua sendo: a conformação de um protótipo de criança adolescente e jovem, e a seleção mais moral e social do que a intelectual”.

Contrapondo a isso, surge a pedagogia moderna que trás consigo preocupações educacionais e a formação do estudante desde os primeiros anos de vida. O que ensinar o que aprender e em que tempo?

Para Arroyo (2004) “Cada conteúdo, cada conhecimento e competência tem o seu tempo para ser ensinado.”. O autor afirma que o tempo mais adequado passa a ser uma questão profissional, que depende da natureza do conhecimento a ser ensinado.

Ainda para Arroyo (2004) “O mais profissional é sabermos dos tempos de aprender. Dar o tempo devido a todos.”. Perante isso o autor afirma que a organização escolar por ciclos não é para dar mais tempo ao aluno, mas sim para que ele tenha o seu tempo adequado de aprender.

Sendo assim, reorganizar a escola em ciclos só irá encontrar importância pedagógica se for encarado a tentativa de recuperar e respeitar a relevância do tempo nas aprendizagens dos conteúdos curriculares e na vida do educando, considerando que cada um possui suas especificidades.

## **2.2 Progressão continuada versus aprovação automática**

Em se tratando da organização do sistema de ensino em ciclos é válida a definição de progressão continuada e de aprovação automática.

A progressão continuada oferece uma possibilidade de organização escolar diferenciada, conhecida como “não reprovação”. Sendo instituída em 1998 no Estado de São Paulo e acolhida pela Secretaria de Estado de Educação na forma de ciclos para o ensino fundamental, regular e supletivo.

Nesse sentido, temos a importância de sua definição:

[...] a progressão continuada permite uma nova forma de organização escolar, conseqüentemente, uma outra concepção de avaliação. Se antes aprovava-se/reprovava-se ao final de cada série, agora se espera que a escola encontre diferentes formas de

ensinar que assegurem a aprendizagem dos alunos e o seu progresso intra e interciclos (BERTAGNA, 2003, p. 79).

A progressão continuada deixa claro que toda criança é capaz de aprender, e que desta maneira cada um poderá fazê-lo no seu tempo. Permite também que os professores acompanhem todos os avanços e dificuldades de seus alunos, podendo oferecer suporte a eles sempre que necessário.

Já a aprovação automática também conhecida como não reprovação, tem como sentido apenas a execução de uma norma administrativa sem aspectos pedagógicos e que acaba não acarretando o progresso de aprendizagem. Sendo assim, a criança permanece na escola sem uma avaliação continua do seu processo de aprendizagem e independente de progressos terem sido alcançados.

Desta forma, é necessário destacar que:

É preciso retomar e potencializar as discussões sobre a construção de outras formas de organização escolar que se pautem nos fins a que se destina a educação, indicando o tipo de sociedade e de formação humana que se deseja. (BERTAGNA, 2003, p.83).

Os ciclos, progressão continuada ou aprovação automática, ambos que venham a ser incorporadas no ambiente escolar necessitam de construção em um significado real para a formação e desenvolvimento da criança. Para que assim ocorra na vida escolar do aluno um progresso, recuperação contínua, adaptação, avanço, aproveitamento escolar, frequência e não menos importante a satisfação em estudar.

### **3 O SISTEMA DE CICLOS E A PROGRESSÃO ESCOLAR NO BRASIL**

Neste tópico será realizada uma breve revisão da literatura com a apresentação de trabalhos referentes ao assunto.

Barreto; Sousa (2004) realizam uma revisão de estudos divulgados sobre ciclos e progressão escolar, tendo como base publicações acadêmicas sobre o tema. A pesquisa abordou trabalhos realizados entre o período de 1980 ao primeiro semestre de 2002.

Faz se necessário ressaltar ainda que:

O texto procura destacar: conclusões provenientes do resgate histórico das experiências de introdução dos ciclos nas redes escolares; dados sobre a abrangência e configuração atual das escolas organizadas em ciclos no país; dimensões enfatizadas, omitidas ou

pouco exploradas em ensaios ou em pesquisas sobre os ciclos, tais como a sua fundamentação, implementação e apreciação dos resultados; fontes bibliográficas para o estudo das experiências específicas (BARRETO E SOUSA, 2004, p.31).

Os artigos usados em especial são referentes às reformas promovidas em municípios e capitais como São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre, que adotaram a organização do ensino em ciclos em contexto inovadores.

Ao finalizar os estudos os autores afirmam que localizaram elementos preciosos na literatura examinada que foi possível uma melhor compreensão do atual estágio que se encontram as questões pertinentes ao sistema de ciclos. Alertam para a realização de novas investigações que possam abranger as dimensões de formulação, implementação e impacto e não apenas análises de cunho descritivo e analítico como os localizados nas pesquisas utilizadas no trabalho.

Desta forma, a revisão realizada pelos autores deixa claro que os ciclos como forma de organização escolar e desenvolvimento de currículo diante de uma concepção democrática e inclusiva ainda estão a caminho de serem construídos.

Ainda para Barreto; Sousa (2004, p.45) “Nesse processo de construção encontram-se envolvidos os formuladores de políticas, os educadores e alunos — que os criam e recriam no cotidiano da escola —, a comunidade escolar e os estudiosos do assunto”. Deste modo necessita também a criação de instrumentos para um acompanhamento mais sistemático e avaliação de seus impactos, seja como trajeto individual do discente ou em termos de suas consequências mais vastas.

Em termos de estudos, há muito que avançar para proporcionar respostas que remetem a uma dúvida base: como construir uma escola que seja realmente capaz de acolher e ensinar a todos a quem ela historicamente sempre marginalizou?

Uma vez que aborda uma iniciativa que considera transformações desde o âmbito do sistema até as unidades e práticas escolares, demonstra diversos focos a serem estudados. No entanto a escola seriada estabelece um olhar além para aspectos pedagógicos, estruturas, processos e valores que historicamente se encaixam na instituição escolar.

Barreto; Sousa (2004, p.46) afirma que “Intensificar a interlocução entre os pesquisadores e as redes de ensino, gestores e docentes, pode ser um caminho promissor no sentido de conferir maior densidade ao delineamento de alternativas de intervenção”. Deste modo o incentivo de uma relação dialógica entre os envolvidos diretamente na escola, dirigentes e pesquisadores podem prover experiências que deem forma à dimensão democrática subjacente à reorganização dos ciclos.

### **3.1 O olhar dos educadores no processo de implementação dos ciclos e progressão continuada**

O estudo de Jacomini (2004) discute a atuação dos educadores no processo de implementação dos ciclos e da progressão continuada, realizadas nas redes públicas de São Paulo em quatro momentos diferentes: na Reforma 67/68, na implantação do Ciclo Básico e Alfabetização em 1983/84, na instituição do regime de progressão continuada nas redes estaduais paulistas em 1998 e na adoção dos ciclos e da progressão continuada na rede municipal de ensino na cidade de São Paulo em 1992.

Diante disso destaca-se que:

[...] a efetivação das políticas públicas educacionais depende, em grande medida, da participação de seus principais protagonistas — os educadores. Por isso é importante saber como determinados condicionantes influenciam as concepções e a atuação dos educadores perante os ciclos e a progressão continuada. Tendo como referência quatro experiências realizadas em distintos momentos e com características particulares, buscase analisar com base nos condicionantes materiais, ideológicos e institucionais-pedagógicos a resistência dos educadores em relação aos ciclos e à progressão continuada (JACOMINI, 2004, p. 401).

Deste modo a concepção entre os educadores é de que os ciclos e a progressão continuada são essenciais na democratização do conhecimento e para superar o fracasso escolar.

No entanto como não se encontra condições materiais, institucionais e pedagógicas para o seu funcionamento, essa proposta não deveria ser adotada, pois creem que a promoção continuada comprometeu ainda mais a qualidade do ensino. Com isso, procurou-se formar uma compreensão sobre como essa posição é gerada.

Portanto:

Verificou-se que as condições de produção da ação educativa, isto é, os condicionantes materiais e institucionais-pedagógicos converteram-se, muitas vezes, em justificativa da posição adotada pelos educadores. Quando justificam suas opiniões sobre os ciclos e a progressão continuada parecem não considerarem os condicionantes ideológicos, pois não demonstram perceber que suas posições podem estar fortemente determinadas pela forma de pensar e conceber as suas próprias práticas pedagógicas. Assim, não acreditam que são contra a progressão continuada, também porque ela subverte seu modo de pensar a relação professor/aluno, ensino/aprendizagem, conhecimento/avaliação, e não somente porque não há condições de trabalho que permita colocá-la em prática (JACOMINI, 2004, p. 416).

Nessas circunstâncias, os ciclos e a progressão continuada encontram-se imprensados entre alguns governantes como medida burocrática a fim de regularizar o fluxo escolar e economizar os recursos financeiros. Com isso, acreditam que críticas e resistências à progressão continuada serão superadas à medida que as condições de ensino que eles desejam sejam garantidas.

Ainda para Jacomini (2004, p.416) “Desconsideram, assim, que parte dessa resistência é determinada pelas concepções de ensino e aprendizagem e democratização da escola que eles construíram no decorrer de suas vidas, ou seja, os condicionantes ideológicos.”.

Portanto, não é só necessário que o Estado garanta as condições materiais e institucionais-pedagógicas para consolidar a progressão continuada como prática político-pedagógica, mas também uma reflexão dos educadores sobre as ideologias que acomodam suas práticas e dificultam a ação de um processo educativo democrático.

### **3.2 Organização seriada no ensino privado, organização em ciclos no público**

Esse estudo realizado na cidade de Belo Horizonte – MG, tem como objetivo compreender o fato que tem se verificado nas esferas de ensino público e privado do país no que se refere à aplicação do art. 23 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB -, Lei n. 9.394/96, que aborda a organização dos tempos escolares.

Desta maneira evidencia-se uma situação diversificada provocada pela flexibilização e autonomia que foi delegado para as instituições de ensino a respeito da escolha da organização dos tempos escolares. A partir da coleta de dados recentes demonstrados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep, Negreiros (2005, p. 181) afirma que “Os dados revelam que a rede pública movimenta-se mais rapidamente para uma organização em ciclos enquanto que a rede privada de ensino mostra-se mais propensa à continuidade da organização seriada.”. Ainda para o autor os motivos pelas quais as instituições públicas adotam o sistema de ciclos vêm sendo objeto de muitas publicações. Porém, quando as instituições privadas são o centro, não se sabe bem quais as razões para a não aderência à organização por ciclos e nem os porquês da continuidade do sistema seriado.

Segundo pesquisas feitas nos colégios particulares mostram que embora tenham optado pela preferência da continuidade da organização seriada, os índices de reprovação revelam a não correspondência com a realidade excludente exposta ao longo do século XX. Contudo, a tentativa

de romper com a lógica da seriação e repensar outras possibilidades de organização escolar que foram elaboradas ao longo da segunda metade do século XX, trouxeram vários benefícios.

Dentre elas:

Práticas pedagógicas foram ressignificadas, concepções de educação reveladas, políticas flexibilizadas. Não há como negar que a concepção dos ciclos introduziu um novo olhar, um novo jeito de pensar e fazer educação. Foram muitas as mudanças qualitativas introduzidas na prática pedagógica, tendo em vista a crítica à evasão e à repetência e o valor representado pela escola para seus estudantes (NEGREIROS, 2005, p.200).

Portanto, embora as instituições privadas não terem abordado a organização em ciclos, as propostas pedagógicas têm sido incorporadas.

Ainda para o autor:

Dimensões da proposta dos ciclos de formação foram de alguma forma ressignificadas para se enquadrarem na estrutura seriada: os tempos foram ampliados, passaram de bimestre para trimestre; a interdisciplinaridade, a pedagogia de projetos, as práticas avaliativas processuais, diversificadas e formativas, a contextualização e a revisão qualitativa dos conteúdos, a escola como um espaço de vivência cultural, tudo tem sido trabalhado de alguma forma nos colégios pesquisado (NEGREIROS, 2005, p.200).

A pesquisa também transparece que quando os gestores falam de práticas realizadas nas instituições que correspondem às ideias do sistema de ciclos, torna evidente a intenção pedagógica que coloca o aluno como centro do processo de ensino e aprendizagem.

No entanto, quando justificada a organização seriada os gestores se voltam à tradição ou costumes ou família. Para Negreiros (2005, p.200) “... as falas reforçam que o ensino seriado favorece uma ação pedagógica que exige do aluno atitudes de disciplina, seriedade, cobrança, resultado, controle, meta, objetivo, sucesso.”. Diante disso, trata-se de um ritmo dinâmico ao tempo escolar inserindo o processo de ensino e aprendizagem fora dos muros da escola.

Com isso, o maior desafio está nas práticas dos professores em desfrutar de atitudes equilibradas em suas intervenções não esquecendo que o discente é sujeito da aprendizagem e que ela acontece de diversas formas.

Outra situação encontrada é que os índices de aprovação caracterizam-nos como colégios de sucesso.

A partir disso o autor indica que:

[...] os altos índices de aprovação, revelados na pesquisa, dentro da lógica seriada, indicam que essa modalidade de organização não tem em si a força da exclusão e a

recíproca pode ser dita em relação aos ciclos de formação. Eles também não têm em si a força de um projeto que garanta o pleno desenvolvimento humano. A pesquisa aponta que essa relação está diretamente determinada pelo movimento que se estabelece dentro da escola. A escola de sucesso define-se na cumplicidade dos educadores com a construção de um projeto pedagógico voltado para a formação dos alunos (Op.cit, 2005, p. 201)

Há também outras circunstâncias muito importantes como condições de trabalho, estrutura física, salários, formação em serviço, etc. Sendo assim a organização do tempo escolar não pode ser responsável absoluta pelo fracasso ou sucesso dos alunos.

Neste momento para o autor se faz necessário uma segunda ruptura, que seria acabar com a visão entre a organização em ciclos e a seriada como dois opostos inconciliáveis.

Para ele:

Se a lei aponta ambas as organizações como possibilidades alternativas, tornam-se contraditórios os discursos que tentam delimitar qual é a melhor ou a pior delas. Elas existem e obedecem a lógicas diferentes de organização do tempo escolar. Cabe às instituições de ensino definir qual viés é mais adequado ao projeto de educação que pretende desenvolver (NEGREIROS, 2005, p.202).

Desse modo, a ininterrupção do ensino seriado nas escolas privadas indica a existência de uma brecha teórica sobre a “real” importância dos pressupostos dessa organização para introdução dos alunos na vida e no mercado de trabalho. Sendo assim, pode ser que com o tempo o avanço da proposta da organização em ciclos colabore para a desmistificação da concepção seriada.

Afinal, o que determina a qualidade de ensino não é ciclo ou seriação, mas um projeto político pedagógico - PPP bem definido e baseado em políticas públicas consistentes, assim como a melhor distribuição de renda.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo descreve e analisa as possibilidades dos ciclos em imprimir lógicas diferentes nas series no trabalho escolar e salientar a partir do atual cenário, divergências entre o que foi proposto e a realidade.

Com base nos estudos realizados notou-se que os ciclos como forma de organização escolar e desenvolvimento de currículo diante de uma concepção democrática e inclusiva ainda estão a caminho de serem construídos. Porém os ciclos, concebidos como progressões que

venham a ser incorporadas no ambiente escolar necessitam de construção em um significado real para a formação e desenvolvimento da criança. Observou-se ainda a concepção entre educadores de que embora os ciclos e a progressão continuada sejam essenciais na democratização do conhecimento e para superar o fracasso escolar, não se encontra condições materiais, institucionais e pedagógicas para o seu funcionamento e com isso creem que a promoção continuada comprometeu ainda mais a qualidade do ensino.

Para atender ao objetivo proposto, foi desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa com a realização de revisão bibliográfica em obras e artigos científicos.

Diante de diversos desafios como a pandemia da covid-19 e a suspensão das aulas presenciais, o trabalho não conseguiu abordar uma pesquisa documental com dados do Livro da Aprovação de uma escola pública estadual nos anos 1999 e 2000 a serem comparados com os anos de 2018 e 2019.

Acredita-se que este estudo possa contribuir para uma melhor compreensão e enfrentamento diante dos obstáculos postos pela comunidade escolar para organização dos sistemas de ensino a partir de séries e ciclos. Deixando aqui como sugestão para estudos futuros que possibilitem uma evolução dessa pesquisa despertando para realização de novas investigações que possam abranger as dimensões de formulação, implementação e impacto sobre o tema.

Após construir essa trajetória de pesquisas sobre o atual cenário pertinente a organização de series e ciclos no Brasil, tenho a sensação de ter realizado um estudo de fundamental importância para o meu crescimento pessoal e profissional. Diante de tantos desafios, compreendi que embora a lógica de ciclos esteja empregada por meio da legislação vigente, há ainda algumas características da seriação incorporadas na educação brasileira. No entanto houve um grande avanço de toda a comunidade escolar por meio da construção de uma educação com significado real para a formação e desenvolvimento do aluno como personagem principal dessa trajetória.

**THE ORGANIZATION OF THE TEACHING SYSTEMS: series or cycles, series and cycles?**

### ***ABSTRACT***

*This paper approaches the organization of the teaching systems: series or cycles, series and cycles. Such an approach is necessary based on the current school scenario where the*

*teaching system in cycles that proposes a divergent logic of teaching in series, still points failures and inconsistencies. The goal of this study is to describe and analyze the chances of the periods in put different logic in series, at work and point at current school scenario divergences between what was proposed and the reality, and also identifying aspects that contribute for a new perspective and reflexion given the current scenario. This intent will be achieved through bibliographic review, by the reading of work and scientific articles. The study clarified that the periods as a way of school organization and development of curriculum before a democratic and inclusive are still in the way to be construct. However, the periods developed as continued progression that come to be incorporated in the school environment need the construction of a real meaning to the formation and development of the child. There is still the conception among educators that although the periods and continued progression are essential in democratization of knowledge and to overcome the school failure, there are no material conditions, institutional and pedagogical for its work and with that believe that automatic promotion compromised much more the quality of teaching.*

**Key words:** *System of teaching. Series. Period.*

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas:** trajetórias e tempos de alunos e mestres. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BARRETO, Elba; SOUSA, Sandra. Estudos sobre ciclos e progressão escolar no Brasil: uma revisão. São Paulo: **Educação e Pesquisa**, 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Desktop/TCC/artigo%201.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2020.

BERTAGNA, Regiane. Ciclos, Progressão Continuada e Aprovação Automática: contribuições para a discussão. São Paulo: **Educação: Teoria e Prática**, v. 18, n. 31, jul/dez 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/2203/1928>> Acesso em: 8 abr. 2020.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases Educação Nacional. **Lei nº 9.394**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> Acesso em: 26 set. 2019.

FREITAS, Luiz Carlos. **Ciclos, seriação e avaliação:** confronto de lógicas. São Paulo: Moderna, 2003.

JACOMINI, Márcia. **A escola e os educadores em tempo de ciclos e progressão continuada:** uma análise das experiências no estado de São Paulo. São Paulo: **Educação Pesquisa**, 2004. Disponível em:

<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/2203/1928> Acesso em: 20 abr. 2020.

MIRANDA, Glaura Vasques de. Escola Plural. **Estudos Avançados**, São Paulo. n.21 v. 60, 2007. < <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10237/11855>>. Acesso em: 25 de abr. 2020.

NEGREIROS, Paulo. Séries no ensino privado, ciclos no público: um estudo em belo horizonte. Contagem: **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 181-203, maio/ago. 2005. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-SeriesNoEnsinoPrivadoCiclosNoPublico-6208745%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-SeriesNoEnsinoPrivadoCiclosNoPublico-6208745%20(1).pdf) Acesso em 15 maio 2020.